

## KARL-OTTO APEL,

*SUR LE PROBLÈME D'UNE FONDATION RATIONNELLE DE L'ÉTHIQUE À L'ÂGE DE LA SCIENCE: L'A PRIORI DE LA COMMUNAUTÉ COMMUNICATIONNELLE ET LES FONDEMENTS DE L'ÉTHIQUE*

Tradução da versão alemã *Das Apriori der Kommunikationsgemeinschaft und die Grundlagen der Ethik* (1967) por Raphaël LALLOUCHE e Inga MITTMANN; "Avant-Propos" de K.-O. Apel, Presses Universitaires de Lille, Lille, 1987, 138 pp.

ANTÓNIO CAMPELO AMARAL

Filiado na Escola de Frankfurt, Apel (n. em Dusseldorf em 1924) visa uma "transformação da filosofia", em oposição às correntes positivistas que defendem a "supressão da filosofia" mediante a análise da linguagem.

"Transformar" a filosofia significa, para o autor, aceder ao domínio das condições de possibilidade da linguagem, na sua estrutura analítica, hermenêutica e pragmática.

Nesse sentido, se, na analítica, Apel critica, por um lado, o "logicismo" do Círculo de Viena, adota, por outro, a doutrina do "acordo social dos jogos linguísticos" do "último" Wittgenstein. Na hermenêutica, rejeita o "fundamentalismo da existência", mas aproveita de Heidegger a tese da "disponibilidade intersubjectiva dos signos". Na pragmática, denuncia o apego da semiótica ao "utilitarismo linguístico", mas recolhe de Peirce a ideia de "comunidade ilimitada de interacção".

Denunciando a "falácia abstractiva do solipsismo", no domínio da reflexão gnoseológica, e o "equivoco naturalista do cientismo", no quadro dos discursos epistemológicos, a proposta de Apel para "transformar" a filosofia, é erigida, numa radical indagação pelas condições de possibilidade que legitimam a mediação linguística, num tipo de pensamento que, na esteira de Kant, o autor designa de *transcendental*.

Incorporando esse influxo transcendental de Kant, *L'Éthique à l'Âge de la Science* é o título francês da conferência *Das Apriori der Kommunikationsgemeinschaft und die Grundlagen der Ethik*, proferida pelo autor em Maio de 1967, durante o debate *Modern Science and Macroethics on a Finite Earth*, integrado no Colóquio Internacional *The Meaning and Function of Science in Contemporary Society*, promovido pela Universidade de Gotemburgo.

Procurando co-implicar "linguagem", "razão" e "acção", este ensaio patenteia o carácter circular de uma reflexão racional sobre a ética e de uma reflexão ética sobre a razão.

Todavia, segundo o autor, depara-se com uma aporia, quem levar a cabo o esforço de ligar discursivamente "ética" e "racionalidade" nos limites da "linguagem". Com efeito, como relançar a urgência de uma ética universal, fundamentadora do discurso e da acção, e resistir, ao mesmo tempo, às concepções sociológicas dominantes (seja ao nível do decisionismo arbitrário de um Popper, ou do criticismo dogmático de um Albert)?

É para acudir a essa aporia que Apel ensaia, em *L'Éthique à l'Âge de la Science*, uma "macroética válida para toda a

humanidade no espaço limitado do planeta" [p. 43]. A tese de uma macroética entronca, no pensamento apeleano, no tópicos da linguagem (*Sprache*), e na noção intersubjectiva de "acordo" (*Verständigung*), acordo esse exercido e sancionado por uma "comunidade comunicacional" (*Kommunikationsgemeinschaft*) no âmbito de uma "ética discursiva" (*Diskursethik*).

O nexo transcendental entre mediação linguística, necessária à compreensão do(s) outro(s), e mediação intersubjectiva, necessária à auto-compreensão do sujeito, é ponderado por Apel em termos éticos na tensão bipolar entre **acção comunicativa** e **comunicação actuante**.

Podemos, de resto, cotejar a tese dos **fundamentos comunicacionais** do conhecimento e da acção com o § 40 da *Crítica da Faculdade de Julgar*, onde os "princípios da reflexão" e a teoria da "comunidade judicativa" constituem os dois polos transcendentais daquilo que Kant designa de "**sensus communis**". Por "**sensus communis**" é necessário entender a *Ideia de um "senso público" pertencente à comunidade, quer dizer, uma faculdade que, no interior do seu acto reflexionante, tenha "a priori" em consideração o modo de representação de todo o seu semelhante, a fim de conectar, por assim dizer, o seu juízo com a razão colectiva da humanidade* (KU, §40).

O ensaio de Apel, mais do que uma ética da ciência, apresenta-se como uma ética para a era da ciência, isto é, um projecto crítico, susceptível de rever e aperfeiçoar as teorias epistemológicas, a partir de uma reflexão transcendental sobre o sentido do **consenso** no seio de uma **comunidade comunicacional**. A pedra de toque deste projecto consiste em substituir o modelo solipsista "sujeito-objecto" (critério de verdade do "cogito" cartesiano, da "apercepção transcendental" kantiana e da "consciência fenomenológica" husserleana) pelo modelo comunicacional "sujeito-sujeito", fundamentado no *a priori* de uma "comunidade de comunicação".

Para levar a bom termo uma fundamentação comunicacional da ética sem abdicar, contudo, de uma fundamentação ética da comunicação, Apel joga no eixo de dois procedimentos teóricos: a) um rastreio des-constructivo dos "Dados paradoxais do problema ético" na era da ciência (Parte 1, pp. 43-65); b) uma fundamentação re-constructiva da "Solução dos paradoxos" éticos, no escopo de uma filosofia do *a priori* comunicacional (Parte 2, pp. 66-138).

Na primeira parte, Apel realça três aspectos do paradoxo em que incorre uma reflexão ética que atenda à "morte das ideologias" e ao "triunfo do cientificismo": no cap. 1.1. sublinha a "contradição entre a necessidade de uma fundamentação racional da ética na era da ciência e a sua aparente impossibilidade filosófica" (pp. 43-49); no cap. 1.2. encara a superação dessa contradição como "tarefa decisiva da função da filosofia na sociedade industrial" (pp. 49-56); no cap. 1.3. salienta a "função ideológica e aporética do sistema complementar ocidental e do sistema integracionista no Leste" (pp. 56-65).

O carácter mediador da linguagem e a urgência de uma fundamentação do pensar e do agir, inscritos no *a priori* da comunidade de comunicação, constituem, na segunda parte do ensaio, os dois pontos em que se deve apoiar a superação do paradoxo ético na era da ciência. No cap. 2.1. o autor escalona os "pressupostos lógicos do paradoxo e as possíveis estratégias argumentativas para a sua solução" (pp. 66-67). No Cap. 2.2. levanta a suspeita contra a pretensa "neutralidade axiológica da ciência e da metaética" (pp. 67-88). No Cap. 2.3. sublinha os

cinco pressupostos éticos com que o discurso científico deve operar "no quadro de uma estratégia de argumentação decisiva": 1) a "necessidade ética da ciência e de toda a argumentação racional" (pp. 88-90); 2) o "sentido estratégico da questão da ética como pressuposto da lógica" (pp. 90-100); 3) a "aporia da fundamentação última da razão e a possibilidade de uma reflexão transcendental sobre o carácter incontornável do *a priori* da comunidade de comunicação" (pp. 100-112); 4) o "reconhecimento de uma norma ética fundamental como postulado necessário de uma argumentação dotada de sentido" (pp. 112-123); 5) o "conteúdo da norma ética fundamental e as suas implicações estratégicas", a saber, a auto-afirmação da metafísica e a realização humana da comunidade comunicacional (pp. 123-138).

A pertinência e a relevância filosóficas do ensaio *L'Éthique à l'Âge de la Science* residem, em nosso entender, no facto de se colocar em jogo um modelo racional que nos dá conta de uma discursividade responsável "perante-o-outro" no horizonte de uma **comunicação actuante**, e de uma eticidade exercida "com-o-outro" no horizonte de uma **acção comunicativa**.

Ora, se a "comunidade de comunicação" emerge como postulado de uma filosofia empenhada em fundamentar um discurso ético situado na tensão bipolar entre "comunicação actuante" e "acção comunicativa", onde situar, então, o paradigma comunicacional da ética, a que Apel alude neste ensaio? Escutemos o autor, na sua obra *Transformação da Filosofia* (1973): "*Consideramos como paradigma do possível acordo intersubjectivo, o "acordo" (Einverständnis) entre os cidadãos, já pressuposto na "polis" antiga. (...) Tal ideia enraiza-se em dois temas clássicos que se intersectam na ideia platónico-aristotélica do acordo (homologia) na polis: primeiro, no conceito socrático de "diálogo" (diálogos); (...) segundo, na representação cristã de "comunidade" (communitas) dos que foram chamados à união com Deus, comunidade que, segundo Agostinho, tem de ser alcançada na história como "civitas Dei" (Introdução à Transformação da Filosofia, pp. 54-55).*

Como bibliografia complementar da temática, veja-se ainda do autor:

- *Linguagem e Verdade na situação actual da filosofia*, [*Sprache und Wahrheit in der gegenwärtigen Situation der Philosophie*], 1959
- *Wittgenstein e Heidegger: a pergunta pelo sentido do ser e a suspeita da carência de sentido dirigida contra toda a metafísica*, [*Wittgenstein und Heidegger: Die Frage nach dem Sinn von sein und der Sinnlosigkeitsverdacht gegen alle Metaphysik*], 1967
- *A comunidade de comunicação como pressuposto transcendental das ciências sociais*, [*Die kommunikationsgemeinschaft als transzendente Voraussetzung der Sozialwissenschaften*], 1972
- *O a priori da comunidade comunicacional e o fundamento da ética*, [*Das Apriori der Kommunikationsgemeinschaft und die Grundlagen des Ethik*], 1972
- *A Transformação da Filosofia* [*Transformation der Philosophie*], 1973
- *Ética discursiva*, [*Diskursethik*], 1993. □